



O caráter social do valor

The social character of the value

CARCANHOLO, Reinaldo. *Marx, Ricardo e Smith: sobre a teoria do valor-trabalho*. Vitória: EDUFES, 2012, 248p.

Por Marina Machado Gouvêa*

[...] Tudo, tudo o que existia / Era ele quem o fazia Ele, um humilde operário /
Um operário que sabia / Exercer a profissão [...]
[...] Mas ele desconhecia / Esse fato extraordinário: Que o operário faz a coisa
/ E a coisa faz o operário. (Vinícius de Moraes)

Esta resenha estaria melhor começada com Cardenal, Mejía Godoy ou Roque Dalton. Reinaldo certamente teria gostado. Mas a resenhadora não encontrou outros versos que expressassem tão bem o significado social, filosófico e político da não redução da dialética do valor a uma teoria de determinação de preços relativos. O significado do estudo da teoria do valor desde a ótica do trabalho e a partir da inexorável centralidade deste no processo de reprodução social. O significado da compreensão da produção e distribuição de mercadorias como relações sociais, historicamente estabelecidas.

A assim chamada “teoria do valor-trabalho” não é um objeto de estudo dócil, de fácil aproximação. Menos o são seus meandros, seus debates, suas controvérsias. Elemento fundamental na Economia Política dita clássica (elaborada até o século XIX), a concepção de que o trabalho seria a fonte da riqueza – assumida a partir de distintas visões – foi deixada de la-

.....
*Economista. Professora assistente na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), doutoranda em Economia Política Internacional (UFRJ) e pesquisadora do Laboratório de Estudos Marxistas José Ricardo Tauille (LEMA-UFRJ). *Correspondência*: Al. Rui Ferreira, 164-B. Foz do Iguaçu-PR. CEP:85867-970. <marinagouvea@gmail.com>.

do pelas correntes teóricas que se tornaram hegemônicas ao final daquele século. Não por acaso, em uma época de amadurecimento do capitalismo, que atingia sua fase imperialista. Não por acaso, após o marcado desenvolvimento da concepção do valor trabalho realizado por Karl Marx, cuja elaboração teórica abarca consequências políticas tais que tornaram extremamente difícil a conciliação entre uma análise do valor feita sob a ótica do trabalho (que passa necessariamente a se centrar neste como fonte da riqueza social) e a defesa de posições políticas abertamente reacionárias.

Em “*Marx, Ricardo e Smith: sobre a teoria do valor-trabalho*”, Reinaldo Carcanholo inverte não apenas o título da famosa obra de Claudio Napoleoni (1978)¹, mas a ordem da análise. A partir dos debates sobre a relação entre riqueza e natureza do valor, sobre a questão da determinação da magnitude do valor e sobre sua relação ou não com um sistema de preços, são contrapostas teses centrais das concepções de Karl Marx, David Ricardo e Adam Smith, reivindicando o caráter social do valor e a compreensão do capitalismo como conjunto de relações sociais.

Dentro desta perspectiva, apresentada logo no primeiro capítulo, Carcanholo atribui a uma leitura ricardiana a identificação entre o conceito de preço de produção proposto por Marx e o conceito de preço relativo de reprodução ou de equilíbrio (na qual aquele aparece como uma espécie de “valor de troca de equilíbrio” expresso monetariamente, o que inclusive menospreza transferências de valor entre frações de classe). O autor estabelece, assim, a caracterização desafiadora de uma porção significativa da análise sobre a teoria do valor tida como marxista no Brasil como sendo de influência ricardiana – amplamente definida – e resgata, ao mesmo tempo, o sentido da teoria do valor sob a ótica da reprodução social e da totalidade, tratando-a como teoria da produção e da apropriação da riqueza (o conceito de trabalho produtivo em Marx é problematizado em profundidade no segundo capítulo). Sob este ponto de vista, defende-se que o tratamento da teoria do valor (ou da dialética do valor, como a denomina em outros textos) se encontra ao longo de todo *O Capital* e é cerne e conteúdo de toda a teoria econômica marxista sobre o capitalismo.

A partir de um profundo mergulho – realizado no terceiro capítulo – sobre as concepções de Ricardo acerca de riqueza, valor e preços relativos, o autor audaz e provocativamente nomeia a necessidade política de quantificar a taxa de lucro (construindo uma teoria do valor que se configure imediatamente como uma teoria dos preços) como determinante da origem do fracasso da teoria do valor proposta por Ricardo. Assim, a constatação de que no capitalismo os preços não podem ser diretamente proporcionais ao trabalho incorporado em cada mercadoria (que tem em Marx sua formu-

¹Referimo-nos a *Smith, Ricardo, Marx: Considerazioni sulla storia del pensiero economico*, publicado em 1970 na Itália e traduzido ao português em 1978. A obra teve inúmeras edições e se constituiu como bibliografia básica no ensino da Economia Política no Brasil.

lação mais bem elaborada) passa a funcionar como critério de aproximação e distanciamento entre os autores analisados. Apoiando-se nestes apontamentos e fazendo caminho ao andar, nos últimos três capítulos do livro, o viés ricardiano das interpretações correntes sobre Adam Smith também é destacado, sublinhando a defesa de que uma correta reinterpretação de suas teses levaria ao maior reconhecimento do papel de Smith como antecessor de Karl Marx, fator que teria sido subestimado inclusive por Marx, na medida em que este – possivelmente também com motivações políticas – conferiu maior importância à crítica da obra de Ricardo e teria terminado por atribuir a Smith seus próprios objetivos e perguntas, criticando – à exemplo do próprio Ricardo – as teses de Smith a partir de problemáticas que não partiam dos mesmos pressupostos. Na opinião de Carcanholo, a subestimação do papel de Adam Smith e a superestimação do papel de David Ricardo por Marx teriam aberto espaço para o prestígio posterior de interpretações ricardianas.

Assim, Reinaldo Carcanholo uma vez mais se insere na tradição marxista da crítica tendo como ortodoxia o método, dentro da acepção adotada por autores gigantes como Rosa Luxemburgo [1903] (2011). Ao se aventurar a tratar originalmente e de maneira especialmente provocativa temas polêmicos e interpretações consolidadas, o autor foge de uma ortodoxia formal e esvaziada, lançando mão da mesma coragem, criatividade e maturidade teórica que já haviam sido demonstradas, por exemplo, na proposição da categoria “lucros fictícios” como elemento fundamental para a compreensão do papel do capital fictício, especulativo e parasitário, na reprodução social do capitalismo contemporâneo – Cf. Carcanholo e Nakatani (1999) e Carcanholo e Sabadini (2009). Por outro lado, ao criticar interpretações reducionistas do significado da teoria do valor em Marx e apontar uma interpretação ricardiana como responsável pela origem de parte expressiva destas, o autor contesta justamente “a falta de rigor conceitual e metodológico e um pretense enriquecimento do marxismo, que é, na realidade, sua negação” (MARINI, 2005).

O excelente texto de Reinaldo Carcanholo se opõe, portanto, tanto ao dogmatismo quanto ao ecletismo – definidos por Ruy Mauro Marini, orientador do doutoramento do autor na UNAM, como os dois principais erros nos quais têm incorrido os marxistas latino-americanos –, aliando o mais encarniçado rigor metodológico à ousadia e recolocando a centralidade de questões essenciais para a luta política: *Onde e por quem é produzida a mais-valia?; Como e por quem se dá a apropriação desta?; Quem forma a classe trabalhadora e como definir o sujeito histórico?*

As perguntas suscitadas pela leitura refletem o posicionamento crítico do autor – sempre claro e delimitado em sua obra, independente do alto grau de abstração da análise. Tal posicionamento, como aponta a própria dedicatória do livro, é certamente fruto de sua rica trajetória política, tendo colaborado durante toda a vida com organizações populares e revo-

lucionárias de distintos cortes e matizes, em vários países. De fato, Reinaldo Carcanholo decidiu se dedicar profundamente ao estudo da Economia Política a partir de seu primeiro exílio, no Chile – forçoso devido à sua militância no Brasil no período que sucedeu o golpe civil-militar de 1964. Reunindo ensaios e artigos escritos ao longo de vinte anos, o livro de que ora tratamos materializa um velho sonho do autor e sintetiza um esforço teórico de mais de quarenta anos. Reflete excepcional poder de análise, ao ser capaz de esmiuçar com perspicácia controvérsias centrais acerca do valor trabalho de maneira relativamente didática e sem abrir mão da exposição de uma particular e decidida interpretação.

Nesse sentido, seu escopo vai além da temática imediatamente identificável, inserindo-se, por exemplo, por sua forma, na histórica problemática da formulação didática de materiais de crítica materialista dialética da economia política que não incorram em reducionismos fundamentais. Também adentra, por seu conteúdo, o rol das obras que perpassam temáticas de relevância política ineludível, como a caracterização da reprodução social ampliada de capital em sua aparência e em sua essência, ou a caracterização concreta do padrão de reprodução do capital em um dado local e em uma dada época – à qual nos vemos inevitavelmente convidados pela concepção da teoria do valor como teoria da natureza da riqueza social na época capitalista. A atualidade do debate acerca da teoria do valor ultrapassa inclusive a caracterização do capitalismo em si, tendo se relacionado historicamente às famosas disjuntivas “socialismo ou mercado” e “emulação material versus consciência de classe”, vinculando-se, através delas, às experiências concretas de construção socialista.

O resgate do significado do trabalho humano no processo de produção da riqueza social e a forma que este assume na época capitalista podem ser definitivamente apontados como fio condutor central do livro. Eis algumas de suas sagazes temáticas: a) a já referida identificação de notórias interpretações sobre os três autores tratados no livro (inclusive interpretações amplamente difundidas como sendo de corte marxista e, em especial, aquelas relacionadas à obra de Piero Sraffa) a um arcabouço ricardiano; b) uma particular interpretação sobre a crítica do próprio Marx às obras de Adam Smith e de David Ricardo, de acordo com a qual Marx teria dado demasiada importância a este último, contribuindo, ele próprio, para o atual predomínio de interpretações ricardianas e para a construção do prestígio com que conta esta postura teórica; c) a defesa – a exemplo de autores como Roman Rosdolsky e Isaac Rubin – de uma interpretação decididamente marxista que restabeleça a grandeza do valor como magnitude da riqueza social produzida e a não redução da teoria do valor em Marx a uma teoria dos preços relativos, recolocando, a partir de uma perspectiva não-ricardiana, a centralidade do trabalho como origem da riqueza social; d) a questão da definição de trabalho produtivo – que decorre inexoravelmente de tal perspectiva e assume importância ainda maior no atual

momento do desenvolvimento do capitalismo mundial –, atravessando contendas como o papel (indispensável) dos trabalhadores assalariados não diretamente vinculados à produção de mais-valia e a constituição do sujeito histórico, como a produção ou não de valor no setor de serviços, como gastos de circulação produtivos e não produtivos, ou como as diferenças entre produção de mais-valia e exploração; e) a reinterpretação da obra de Adam Smith a partir de uma visão considerada como não-ricardiana, com o intuito de reconstruir o âmago do debate sobre a teoria do valor-trabalho e seu significado político, histórico e social; f) a problematização da relação entre concepção teórica, disputa política e ideologia, bem como a problematização da relação entre ideologia e ciência.

“Marx, Ricardo e Smith: sobre a teoria do valor-trabalho” resgata, portanto, o melhor do debate crítico e do processo materialista dialético de crítica no âmbito da Economia Política. Hoje, quando enfrentamos a disjuntiva histórica precipitada pela mais profunda crise do capitalismo vivenciada desde a Grande Depressão de 1929, a importância dos questionamentos suscitados pelo livro de Reinaldo Carcanholo é maior que nunca. Somado ao excelente trabalho de edição e diagramação, bem como à elegante disposição lateral das notas de rodapé – que não devem ser postas de lado –, trata-se de uma obra destinada a tornar-se fonte bibliográfica indispensável nos cursos de Economia Política e que deve certamente ser conhecida por todos aqueles que visem a compreender o capitalismo – e em particular o capitalismo contemporâneo –, especialmente aqueles que querem compreendê-lo para transformá-lo.